

Malangatana por Machado da Graça

O Erotismo, a Arte e a Vida



Malangatana, ao longo de todos os tempos e de toda a geografia deste mundo tem havido artistas a tratarem o tema do amor físico.

Eu diria que o erotismo não é mim mas é nós. Começa numa altura em que a gente nem se apercebe que está a fazer erotismo, ou que está a apreciar o erotismo, ou que está a ver a erotismo.

Eu lembro-me, por exemplo, na infância, daquelas brincadeiras, que para os adultos são brincadeiras de mau gosto, em que a gente anda no campo a apascentar gado e há momentos em que faz brincadeiras no chão com areia molhada, etc., faz bonecos a imitar pessoas que fazem sexo, mas num sentido de brincadeira. É até nessa altura que a gente aprende que há um fruto que, pegando-se nele e num outro, se pode imitar a cópula entre dois frutos.

E para quem anda permanentemente, sobretudo no pastoreio, há outro tipo de insinuação, o erotismo das árvores. Há um tipo de árvores que, de facto, insinua muito o ser humano, de que a gente até nem se apercebe, a não ser um pouco mais tarde, quando começa a estudar melhor as formas.

Mas o mais importante aqui talvez seja referir que as pessoas ouvem falar muito no erotismo quando vão, por exemplo, naquelas noites aos curandeiros. A noite das tambaradas, em que as canções são também eróticas. Quando uma mulher e um homem são *nhautos* (auxiliares ou aprendizes de curandeiros), são figuras que, mesmo que sejam casadas, estão durante esse tempo de retiro espiritual, proibidas de ter o acto sexual físico de facto. Diz-se que, naquele momento, ele ou ela estão casados com os deuses, estão casados com a parte mais importante do retiro espiritual em que se encontram.

Então a gente interroga-se sobre o que é isso de ter casado com os deuses. Como é que uma pessoa pode ficar na privação durante um ano ou dois, conforme o curso que está a fazer, para



JOSÉ MANUEL COSTA ALVES

se tornar curandeiro. Então insistem muitas vezes... ela ou ele relacionam-se com os deuses ou com os espíritos. E aí pode não se chegar a uma conclusão madura, porque, bom, é a visão de um miúdo, uma visão de criança. Mas depois,

mais tarde, uma pessoa pode chegar à conclusão de que, afinal, a privação sexual pode ser substituída por uma outra coisa, se a pessoa estiver convicta de que não há privação porque tem o coito com os deuses, tem o coito com os espíritos. Recordo-me, por exemplo, de que há um certo tipo de canções que, durante a exorcismo, insinuam mesmo uma auto-satisfação.

Mas tradicionalmente, pelo menos aqui no sul de Moçambique, o acto sexual está, muitas vezes, associado a rituais para coisas benfazejas, como as colheitas ou a construção de uma casa nova. Tudo isso não estará numa base cultural nossa que se pode exprimir, também, artisticamente?

Bom. Aí chegas a um ponto, de facto, muito importante. Quem nos vai ler não vai dizer que nós os dois inventámos o tema. O tema não é do Machado da Graça, não é do Malangatana, não é, sequer, daquele escultor maconde que já fez várias peças, nem de outros. Afinal é uma coisa da natureza, sobre a qual nós pomos o tabu. Mas o tabu, para mim, não é nada menos do que a distorção do pensamento humano. Falando, por exemplo, em termos de construção de uma nova casa. E mesmo, até, da escolha de uma nova área agrícola: quando uma família muda de casa ou da zona onde vive, desde o pai, os filhos, os netos e, às vezes, os avós; aquelas dez palhotas, em que uma casa fica à esquerda e outra à direita, a seguir o celeiro sagrado, onde se guardam certo tipo de cereais, que se vão utilizar só no dia da missa; esses celeiros, essas palhotas, essas árvores todas, ali à volta, estão de facto envolvidas de um certo sacralismo porque, às vezes, são utilizadas também para o encontro dos pais fora de casa. Fora de casa quando vai acontecer alguma cerimónia, alguma missa grande.

Os mais velhos da família fazem o coito fora, debaixo de um canhoeiro, de noite, ou debaixo da árvore escolhida como mais sagrada.



JOSÉ MANUEL COSTA ALVES

Quando vão mudar do sítio onde vivem, o chefe da família e a sua esposa (se é polígamo irá com a esposa mais velha, digamos a rainha de todas elas...) vão ao novo sítio – escolhido durante o dia pelo chefe da família, pelo marido – levando apenas uma pequena esteira ou uma capulana, ou uma pele de cabrito e, em pleno mato, dizem: *mulher, marido, aqui é o sítio onde toda a nossa força espiritual dentro em breve vai residir*. E fazem o acto sexual.

Claro que os mais novos não se apercebem porque lhes é comunicado apenas que vão mudar de sítio; mas vão-se aperceber, ao longo dos anos, de que alguma coisa aconteceu antes de uma cerimónia importante. Isso é feito durante o coito, de uma forma muito bonita, e quando regressa, o casal comunica aos mais velhos, ao sogro ou à sogra, ou ao tio mais velho da família, que já foi abençoar o lugar.

Portanto não há nenhum tabu nestas coisas.

Quando chega o tempo da colheita, de mapira sobretudo – a mapira é mais importante que o milho e outras coisas, porque é muito rara –, também há um cerimonial. No meio de todo aquele campo de mapira há um coito e o lugar onde ele ocorre fica visível. Qualquer pessoa que sabe que isto existe vai saber que ali, naquele campo, a mapira pode ser colhida à vontade, que ninguém vai ter nenhum acidente, nenhum problema, porque o sítio já está baptizado.

Esse aspecto dos sítios onde se realizam actos sexuais lembra-me também que, às vezes, junto aos caminhos também há sítios que são assinalados por isso. Queres falar também sobre essa questão?

Referes-te ao Xuxu, ou Maxuxu (Xuxo no singular, Maxuxu no plural).

Normalmente duas pessoas que gostam uma da outra, nessas zonas do mato... Não aqui na cidade, porque aqui na cidade as coisas acontecem de uma outra maneira, em que a beleza

talvez não seja igual, ou às vezes, até tem outro interesse. Mas penso que não é importante falarmos nisso agora aqui...

As duas pessoas combinam o lugar do encontro, perto daquele cajueiro, ou perto daquela chanfuta. Há-de haver um sinal: por exemplo, ela vai cortar um tronco, para fazer barulho, para assinalar que já está no local; o que é muito interessante, e muito intrigante também, é que, neste caso, o acto sexual não acontece no mato. É no mato mas é à beira de um caminho, mais conhecido como gandjo. Gondio seria, por exemplo, semelhante a uma grande avenida, onde passa toda a gente.

O coito acontece ali assim, sem que o casal tenha o mínimo receio de ser ou não encontrado, porque a intenção não é uma intenção maligna, é um poema belo.

E, no fim do poema, escrito, declamado, fisicamente ali assim, as pessoas também não irão esconder que ali aconteceram coisas. Cortam ramos, grandes mesmo, e põem dois, três ramos. A partir daquele momento aqueles ramos multiplicar-se-ão porque toda a gente que passa, o João, o António, o Ngoni, o Maiuana, a Musseu, se apercebe que ali aconteceram coisas, partem um pequeno ramo, um pequeno tronco, e amontoam ali assim, e toda a gente fica a saber o que ali aconteceu.

Mesmo sem saber quem foram os intervenientes...

Sim, normalmente não se sabe. Mas se, por acaso, alguém soubesse, nunca havia de fazer nenhuma acusação. A norma é essa. Porque se fosse feio não era ali que o teriam feito, mas sim num sítio escondido.

Portanto temos já visto que o acto sexual, o acto de amor, pode ser bonito e, sendo bonito, pode ser interpretado em termos artísticos.

Sim, também. Quero recordar que os arte-

sãos, que muitas vezes têm sido os servidores dos curandeiros ou das curandeiras, têm feito gamelas, instrumentos de dança, que se utilizam na dança dos curandeiros, em que tudo ali está envolto ou em figuras, ou em animais que mostram algo sexual, algo sensual ou algo erótico.

Mas não são só os artesãos. Mesmo os artistas. Mesmo em Moçambique há artistas que estão a fazer coisas, embora talvez não a expô-las. Tens conhecimento de outros artistas que também estejam a trabalhar em temas eróticos?

Antes de falar em nomes eu diria que isso está presente em grande parte da arte moçambicana, sobretudo na escultura, na pintura, na cerâmica e mesmo no trabalho de cestaria; não só por causa daquela forma insinuada como a palha é pegada, puxada e tratada, como também pela forma de envolver certo tipo de palhas que é já uma insinuação sensual; há um certo erotismo no modo como os dedos e a palha dialogam, no acto de fazer o cesto.

Por outro lado se olharmos bem para grande parte da escultura moçambicana, ela está posuída, de facto, de erotismo, mesmo sem intenção por parte do autor.

Mesmo olhando para coisas antigas e actuais. E, falando de coisas actuais, o Naftal Langa ainda há pouco tempo apresentou algumas peças eróticas nas quais se sente que, olhando muito bem, há um trazer de alguma coisa que já foi feita antes.

Passando agora ao Malangatana e a esse tema. Há muito tempo que estás a trabalhar em coisas eróticas ou é uma coisa que surgiu recentemente?

Bom, eu já há muito tempo... já muitas pessoas que olhavam para a minha pintura falavam nisso: «olha que a tua pintura, sobretudo o desenho, mesmo as cores, a forma como tu envolves as figuras não é senão erotismo».

Mas eu desenvolvi muito este tema erótico quando estava na cadeia porque, enfim, era necessário sonhar. E era necessário contar o sonho. Era necessário inventar que alguém sonhava. Lembro-me de alguns desenhos feitos nessa altura, em que era um prisioneiro, ou vários prisioneiros, a sonharem receber as suas amadas, as suas entes queridas, dentro da cela. No desenho, ela furava o tecto da cela, entrava, havia o coito e saía de novo; mas, imaginariamente, mesmo depois de sair, o corpo ainda ficava preso ao corpo do prisioneiro. Mas isso não era senão o recontar de histórias que me tinham sido contadas quando era criança.

Depois fui andando por aí, fiz muita coisa nesse sentido, fui guardando, até que decidi, de há uns anos para cá, fazer mais intencionalmente, mexer mais no tema.

Há muita gente que diz que o povo moçambicano é muito puritano, mas, ao longo desta conversa, temos visto que pode ser puritano mas não da maneira como, às vezes, as pessoas pensam. Como é que tu achas que o público pode encarar uma exposição em que o erotismo apareça bem integrado dentro de temas da cultura nacional?

Bem, as pessoas que pensam que o povo moçambicano é puritano são as pessoas que pensam que o povo moçambicano não entende certas coisas.

E as pessoas de quem se pensa que não vão entender, não são as que vão ficar chocadas ou espantadas. Porque, por exemplo, na lagoa Pathe, ali para além da Manhiça, a lagoa mesmo onde eu cresci, em Matalana, quando tinha os meus 8, 10, 12, 14 anos, assisti a coisas muito bonitas.

Malandros, nós ficávamos muitas vezes por cima da lagoa... sabes que muitas vezes as lagoas têm dunas ao lado e recordo-me muito bem que, muitas vezes, as mulheres não só



tomavam banho juntas (5, 10, 20 ou 30 mulheres, depois de um trabalho na machamba), como, durante o banho, elas mexiam umas nas outras.

Também me lembro muito bem que a minha mãe se zangava comigo quando eu recusava, por exemplo, ir tomar banho na vala, ou no rio, onde estivessem mulheres. E, obviamente, durante aquele momento do banho – isto não tem nada a ver com rituais, é o banho normal – há todo um brincar de corridas dentro de água, o brincar ao zotana; naquele momento mesmo, tudo se passa, o espírito é outro, a frescura espiritual, de facto, é outra. As pessoas saem dali, ficam nuas no mesmo sítio e não há ninguém que tenha vergonha.

Por exemplo, há pessoas que pensam que o homem africano, o homem moçambicano, por exemplo, ficaria chocado se visse, se entrasse numa sauna. Mas nós temos saunas ao natural e não há nenhum choque.

Claro que há pessoas que fingem muito aqui neste país e eu estou convencido mesmo que muita gente irá dizer: ai que vergonha!, etc., mas ao mesmo tempo, por dentro, estão a dizer: que bom ele ter trazido nus para esta exposição.

Espero que sim.

Mas achas que a arte deve ter esse problema da moralidade ou imoralidade, ou deve-se preocupar essencialmente em ser arte, isto é, em ser uma coisa bela, uma coisa que transmita emoções belas a quem a vê?

Eu acho que a arte, obviamente, aparece porque existe o artista. O artista é um cantor. O artista é um cantor daquilo que sente naquele momento, ele próprio, mas também daquilo que, ao longo dos anos, recolheu e tem a certeza que é o dia-a-dia das pessoas. Toda a forma esteotipada de ver o imoralismo só pode acontecer se a pessoa tiver essa visão. Mas isso não passa, de facto, de um grupo de pessoas que

querem corrigir uma certa forma dos outros viverem. Eu não sinto que haja imoralidade quando as coisas são feitas com sinceridade.

Há bocado falámos aqui do problema da privação, que é uma coisa que acontece a muitas pessoas. A privação sexual acontece porque as pessoas, numa certa altura, porque fazem parte de uma certa função sacra, são denominadas pessoas fora de fazer aquilo que os outros fazem. Também hão-de ter o seu momento de lazer. De que maneira, não sei como farão para ultrapassar todas as dificuldades psíquicas que qualquer um tem quando está em dificuldades. Por exemplo, chegou a época do canho e ela gosta de beber canho, ou de beber caju quando gosta de caju.

A imoralidade só acontece na forma como nós fazemos as coisas, mas eu não vejo imoralidade nenhuma nesse aspecto.

Ao longo da história tem havido casos em que a igreja, inclusivamente, obrigou a pintar folhas de parra em cima dos órgãos sexuais de personagens de quadros. O que é que te parece mais imoral: a pintura em si ou esta atitude de acrescentar à obra de arte os disfarces em nome de uma moral?

Sabes que o pecado, para mim, existe quando nós pensamos que há pecado. Aí, de facto, há pecado. Porque aí a pessoa pensou nas consequências que as coisas possam ter.

O acto de «parrar» o sexo, para mim, já é imoralidade.

Parte da imoralidade de quem tomou a decisão.
Exactamente.

O artista, por exemplo no caso de um pintor, quando olha para a tela, deve estar com preocupações desse tipo ou deve ter a seu espírito completamente aberto para aquilo que a sua criatividade lhe ditar?

Porque é que o pintor há-de ter essas preocupações quando o dançarino de marrabenta e de chigubo, ou dessa riquíssima dança de Inhambane, em que se utiliza o corpo, as nádegas, etc., como parte integrante da dança, para acompanhar o ritmo... porque é que o dançarino ou a dançarina não pensam nisso e o pintor deve pensar?

O pintor não deve pensar nisso. Se o pintor pensar que está a fazer mal é porque ele não traz nada de sincero dentro de si.



JOSÉ MANUEL COSTA ALVES